



Resenha

A (des)construção social de uma velha infância The social disappearance of an old childhood

Andréia Feller Golin
andrea@ilog.com.br

POSTMAN, N. 1999. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro, Graphia.

O livro de Neil Postman faz um mapeamento da construção sócio cultural do conceito de infância através dos diferentes momentos históricos, trazendo-nos à reflexão sobre o que é ser criança, sobretudo nos nossos dias atuais.

O autor caracteriza, em cada período histórico, o lugar social destinado à criança, identificando as causas da construção desse conceito com o advento da Modernidade e a sua desconstrução, gradativa e silenciosa, através da perda ética de limites e fronteiras, própria à uma sociedade dominada pelos apelos da imagem e da tecnologia.

Postman discute a idéia de infância, seu surgimento após o fim da Idade Média e sua estreita relação com a palavra escrita e impressa. Analisa, por exemplo, a necessidade que a infância criou para o surgimento das escolas e de toda uma estrutura social própria, assim como os sinais de seu eminente “desaparecimento”, intimamente ligados às novas mídias eletrônicas, principalmente a televisão.

É interessante reconhecer o desenvolvimento histórico da infância, muito bem caracterizado por Postman. O autor explica que durante a Antiguidade não havia uma noção muito clara e objetiva sobre as crianças, a infância e sua importância. As noções de educação desenvolvidas pelos gregos e popularizadas pelos romanos prenunciavam a infância como uma classe de pessoas que precisavam de formas especiais de criação e de proteção, porém ainda não havia o conceito de infância.

A partir da Idade Média essas primeiras noções de proteção e cuidado às crianças começaram a desaparecer. Aos sete anos, por exemplo quando dominava a pa-

lavra falada, a criança já não se distinguia do adulto e tinha acesso a tudo.

Porém, foram justamente os vários acontecimentos e mudanças sociais ocorridos durante a época medieval, e principalmente em sua fase final, que contribuíram para o “(re)surgimento” de um conceito de infância. Com a invenção da prensa tipográfica no século XV, por exemplo, os textos impressos intensificaram a circulação de informações, criando-se assim, um novo limite entre quem sabia e não sabia ler.

Como a leitura correspondia a uma habilidade que não era inata aos indivíduos, esboçou-se uma primeira separação entre as pessoas: o alfabetizado (“novo adulto”) e o não alfabetizado (criança). A partir daí e ao longo dos séculos seguintes desenvolveu-se o que chamamos de “infância”, uma cultura das crianças diferenciada da cultura dos adultos.

A educação passou a ser necessária e as escolas se multiplicaram. Uma cultura jovem começou a existir e a ser respeitada como tal, distinguindo a criança do adulto em seus aspectos culturais. Conforme as palavras de Postman (1999, p. 42), é importante considerar que este conceito de infância “não surgiu da noite para o dia. Preciso de quase duzentos anos para se transformar num aspecto aparentemente irreversível da civilização ocidental.”

Percebe-se então que o surgimento da prensa tipográfica e a possibilidade de acesso às informações foram necessários para a formação do conceito de infância. Será que a prensa tipográfica não pode ser a internet de hoje? Que mudanças essenciais foram estabelecidas com o nascimento desta ‘tecnologia’ do tempo medieval e as novas tecnologias no mundo moderno de hoje?



Com o advento do capitalismo e o crescimento de grandes cidades, o processo de industrialização foi uma grande ameaça à infância. Se até o final do século XVII a infância foi considerada importante, no século XVIII, com as profundas transformações econômicas e a necessidade de trabalhadores, as crianças passaram a ser “utilizadas” como mão-de-obra barata.

Alguns exemplos citados por Postman referentes ao horror pelo qual as crianças das classes inferiores passavam durante o século XVIII, na Europa, servem de base para nossa reflexão nos dias atuais. No Brasil, assistimos cotidianamente milhares de crianças passando fome, mendigando nas ruas, por falta de comida, moradia, higiene, educação.

A idéia de infância está, portanto, se desintegrando. As crianças com acesso à educação e boa qualidade de vida estão se tornando mais adultas em virtude do desenvolvimento tecnológico. E, por outro lado, as crianças pobres, vítimas maiores, aprendem desde cedo nas ruas, a sentir frio, fome, medo e se tornam pessoas “adultas”, pois convivem com tais sofrimentos desde muito pequenas.

Postman, no entanto, assinala a presença da televisão como o fator principal para fazer “desaparecer” a infância. A televisão comercial dos dias atuais é configurada pela informação codificada. Isso representou um poderoso ataque à linguagem e à leitura, porque as pessoas não *leem* TV, mas *vêem*, o que torna insignificante a educação letrada, base da distinção entre adultos e crianças. Além disso, assistir televisão requer percepção e não mais concepção, criticidade, reflexão.

Interessante observar, então, como a televisão é uma poderosa arma “contra” a infância, pois seu uso não exige esforço cognitivo. Ao contrário dos livros, que possuem obstáculos à sua acessibilidade, que vão desde o conhecimento da escrita e a alfabetização, até as barreiras econômicas, a televisão é feita para todos, constituindo-se num meio de comunicação igualitário, ao qual as crianças têm livre acesso.

Com isso, (re)conhecendo que as crianças são pessoas que não têm o mesmo conhecimento dos adultos, é imprescindível que elas também não tenham o mesmo acesso às informações que os adultos têm. Por isso, Postman identifica que a televisão pode ser perigosa e contribuir para o desaparecimento da infância.

Recorrendo a um processo histórico, Postman (1999, p. 132) explica que da mesma maneira que a alfabetização fonética, social ou a tipografia foram responsáveis por mudanças no comportamento e na mente das pessoas, a televisão de hoje, “tornou para nós desnecessário distinguir a criança do adulto. Pois é de sua natureza homogeneizar as mentalidades”.

Em sua última análise, Postman afirma que o indivíduo não é impotente para resistir ao que está ocorrendo, pois não basta apenas apreender, ou deixar-se impregnar pelos conteúdos da mídia, mas antes de tudo ter consciência.

Sendo assim, os professores e educadores também desempenham um importante papel neste sentido. É necessário que na escola também seja trabalhada esta consciência e criticidade. Porque não há mais como permitir esta invasão da mídia como meros espectadores. Temos, antes de mais nada, de ser pensadores.